

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

CYBERBULLYING:
AS MÚLTIPLAS FACES DE UM PROBLEMA REAL

Carolina de Macedo Longhini

Brasília, 2013

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

CYBERBULLYING:
AS MÚLTIPLAS FACES DE UM PROBLEMA REAL

Carolina de Macedo Longhini

Monografia submetida ao curso de Ciências Sociais, habilitação Sociologia da Universidade de Brasília para a obtenção do grau de Bacharel em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Sadi Dal Rosso

Brasília, 2013

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

CYBERBULLYING:
AS MÚLTIPLAS FACES DE UM PROBLEMA REAL

Carolina de Macedo Longhini

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Sadi Dal Rosso

Orientador

Universidade de Brasília

Leandro da Rosa Marshall Pós Doutorando em Sociologia

Universidade de Brasília

Brasília, março de 2013

DEDICATÓRIA

Dedico essa monografia a minha família que, mesmo longe, sempre está por perto com seu carinho, apoio e incentivo. Dedico, também, à Paulina Górska por seu companheirismo e ajuda nas melhores e piores horas. Sou profundamente grata por sua presença em minha vida. Por fim, dedico este trabalho a todos aqueles afetados, diretamente ou indiretamente pelo bullying e cyberbullying. Espero ter proporcionado um espaço para que suas vozes fossem ouvidas.

“Pensei o quanto desconfortável é ser trancado do lado de fora; e pensei o quanto é pior, talvez, ser trancado no lado de dentro.”

Virgínia Woolf, 1918

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus professores que durante os anos de graduação ensinaram o árduo, mas revelador e libertador ato de refletir e pensar sociologicamente. Agradeço em especial, ao meu orientador, Prof. Sadi dal Rosso que com paciência me auxiliou na realização desta monografia. Agradeço aos autores que com suas pesquisas e reflexões, alimentaram este trabalho e que, assim como eu, veem a importância dos temas aqui abordados. Por fim agradeço todos que participaram dessa pesquisa e, com seus relatos, deram vida às teorias e hipóteses apresentadas.

RESUMO

Realizei uma pesquisa exploratória realizada com o intuito de conhecer e levantar questões importantes referentes ao fenômeno do *cyberbullying*. O referido conceito, neste estudo, foi encarado como um complemento ao tema do *bullying* nas escolas. Para tal análise, primeiramente realizou-se um levantamento bibliográfico sobre os temas, apresentou-se dados estatísticos de pesquisas divulgadas e por último, apresentou-se os resultados da pesquisa de campo que envolveu adolescentes envolvidos em casos de *cyberbullying* e demais pessoas identificadas observadores no contexto dos casos ocorridos. A principal conclusão do trabalho é a de que o *cyberbullying* é um fenômeno presente na realidade dos adolescentes e é possibilitado e maximizado pelas novas tecnologias enraizadas na rotina de uma sociedade de consumo. Além disso, as consequências das práticas de *assédio moral online*, são iguais ou maiores que aquelas sentidas por adolescentes que lidam com o *bullying* tradicional.

Palavras-chaves: *cyberbullying*, *bullying*, relação assimétrica

ABSTRACT

The exploratory research carried out with the objective of discovering and bringing up important information and questions about the phenomenon of *cyberbullying*. This concept was viewed as a complement for the concept of traditional bullying in schools. A bibliographic review about the subjects was done, statistics results of researches were presented and results of own research with teenagers involved in *cyberbullying* cases and as well indirect observers were shown. Therefore the research concluded that *cyberbullying* is a present phenomenon in the reality of teens and it is possible and maximized through new technologies which are incorporated in the routine of consume oriented society. Furthermore, it was possible to conclude the consequences of cyberbullying on the individuals involved are equal or greater than the ones of traditional bullying.

Key words: cyberbullying, bullying, internet

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. ESCOLA E SOCIALIZAÇÃO	10
1.1 Estudos Sobre Violência Escolar no Brasil.....	11
1.2. O que é Bullying.....	12
1.2 Críticas ao Conceito de Bullying.....	15
2. CYBERBULLYING	16
2.1 Diferenças entre o Cyberbullying e o Bullying.....	18
2.2 Causas do Cyberbullying.....	19
2.4 Consequências do Cyberbullying.....	21
3. PESQUISA	22
3.1 Metodologia.....	22
3.2 Técnicas de Coleta de Dados.....	23
3.3 Análises das Entrevistas.....	25
3.3.1 Análises das Entrevistas com Vítimas e Agressores.....	26
3.3.2 Análises das Entrevistas com Familiares e Coordenadores.....	34
3.4 Consequências dos Casos Estudados.....	40
3.5 Observações durante a entrevista.....	42
3.6 Resultados.....	43
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
5. BIBLIOGRAFIA	48

INTRODUÇÃO

No dia 7 de abril de 2011 o Brasil assistiu ao espantoso Massacre de Realengo. Wellington Menezes entrou na Escola Municipal Tasso da Silveira no Rio de Janeiro e naquela manhã assassinou 12 crianças de 12 a 14 anos de idade e após cometeu suicídio.

Durante as investigações do crime a polícia revelou vídeos e uma carta de suicídio deixada por Wellington, onde afirmava que sofreu humilhações e constrangimentos durante sua vida escolar e onde admitira que caso não houvesse sofrido com esses tipos de práticas o episódio de Realengo provavelmente seria evitado. Esse testemunho foi confirmado por sua irmã e colegas de sala.

Este fato reflete de maneira mais fiel um caso de bullying extremo, onde a vítima dessas humilhações se sente tão ignorada e anulada pela sociedade que perde o tato para a vida. Quer tanto externalizar seus sentimentos de raiva e angústia, que acaba cometendo graves atos contra outras pessoas e a si mesmo.

A ideia comum que se tem é de que sofrer constrangimentos e humilhações na escola é algo normal e que existe há muito tempo. O fato de alguém designar um apelido ao colega de sala e este por sua vez retrucar com outro é “brincadeira de criança” e não transforma ninguém em um assassino ou suicida.

De fato há uma grande distinção entre “brincadeiras de crianças” e o *bullying*. Este trabalho tem como objetivo primeiramente apresentar o contexto geral sobre o papel da escola na socialização de jovens e adolescentes e contextualizar estudos sobre a violência escolar até alcançar o fenômeno social do *bullying*, realizando uma análise bibliográfica de autores internacionais e nacionais que através de suas pesquisas construíram o que hoje se entende desse fenômeno.

Além disso, contribuirá para a discussão ao analisar o conceito de *Cyberbullying*. Irá demonstrar que o *bullying* já não atinge apenas o ambiente escolar, mas também migrou para um ambiente cada vez mais explorado e “habitado” pelos jovens, a internet. Irá explicar sobre o bullying online demonstrando suas características, suas diferenças para com o bullying tradicional, suas causas e consequências.

Para representar e compreender melhor o fenômeno do Cyberbullying irá apresentar um levantamento de dois casos estudados onde foram identificadas práticas do *Cyberbullying*. Irá apresentar resultados de análises de entrevistas realizadas com vítimas, agressores e atores que participaram indiretamente dos casos de bullying online, na tentativa de configurar os entendimentos de diferentes indivíduos que ocupam diferentes papéis sociais no contexto da violência pela internet.

1. Escola e Socialização

No âmbito escolar, a função primordial é a construção de conhecimentos gerais que permitam aos educadores apropriarem-se dos bens culturais e historicamente produzidos pela sociedade, oferecendo condições de acesso e de ampliação de cidadania. (SILVEIRA, NADER & DIAS, 2007). A educação revela processos socializadores, civilizatórios de uma cultura em Direitos Humanos, formando sujeitos na perspectiva de se tornarem agentes de defesa e de proteção desses direitos.

A socialização é o processo pelo qual o indivíduo se torna um ser social, pensante, atuante, capaz de assimilar a cultura, as normas, os comportamentos e as condutas do grupo social em que está inserido. É um mecanismo de construção, um processo que se estende por várias fases da vida e permite ao indivíduo adquirir comportamentos considerados adequados e corretos à sociedade.

A família, a escola e a mídia são hoje os grandes responsáveis pela socialização de crianças e adolescentes. A escola, na sociedade moderna, foi destinada a obrigação não só de transmitir os conhecimentos científicos, mas garantir o processo de socialização de seus estudantes.

No ambiente escolar os adolescentes interagem entre si formando grupos que auxiliam na formação e configuração das identidades, compartilhando experiências e apropriando-se do suporte coletivo. Esse processo pode ser entendido como a transferência da dependência familiar para uma dependência com o grupo, uma etapa intermediária para a independência e a autonomia da vida adulta.

Este é o contexto do ambiente escolar, de formulação de identidades, convivência com o diferente, aquisição de valores positivos e aprendizado que construirão a personalidade e

caráter dos indivíduos presentes na sociedade. Entretanto, os estudos sobre violência escolar no Brasil, elencados abaixo, revelam que na realidade escolar os valores transmitidos e, dessa forma, incorporados na socialização dos jovens são, também, os de indiferença, preconceito, violência e intolerância.

1.1 Estudos sobre a violência escolar no Brasil

De acordo com a professora Marília Pontes Sposito (2001), da Faculdade de Educação de São Paulo, os primeiros estudos no Brasil sobre a violências nas escolas foram realizados na década de 1980. A preocupação desses levantamentos surgiu a partir de casos de depredações e danos aos prédios escolares nos maiores centros urbanos do país.

A autora explica que as informações obtidas eram precárias pelo fato da “ausência de continuidade nas formas de registro e de monitoramento do fenômeno”.(Sposito, 2001) As gestões escolares não buscaram uma unificação no que se refere ao acompanhamento sistemático do fenômeno que despertava cada vez mais a atenção do governo brasileiro e pesquisadores.

Ao longo da década de 1990 pesquisas de natureza descritiva começam a ser produzidas por organizações não governamentais e entidades de profissionais da educação, como sindicatos de professores. No final da referida década são observadas peculiaridades nos levantamentos, os grandes *surveys* são aplicados na tentativa de decifrar as condutas violentas dos jovens para com o bem público. São nesses *surveys* que as primeiras perguntas sobre a relação no interior das escolas são introduzidas.

A primeira pesquisa realizada pela UNESCO com jovens de Brasília apontou que os estudantes do sexo masculino estavam mais envolvidos em situações de agressões físicas, discussões e ameaças ou intimidações no interior da escola. O relatório final também constava que as discussões era a prática mais comum no interior das escolas, onde 55% dos entrevistados participavam de discussões muitas ou às vezes, tanto meninos quanto meninas. As ameaças e intimidações envolviam 28% dos meninos muito frequentemente e apenas 10% das meninas. As agressões físicas ocorriam em menor número. (Waiselfisz, 1999, p.62)

No ano de 1997 (Abramovay e outros, 1999, p.61) um levantamento nas cidades da periferia de Brasília indicava que para 37,3% dos adolescentes a escola não era local de violência, praticamente a metade dos entrevistados considerava a escola como um local de média violência e 16% de muita violência.

No início do ano de 2000, os estudos acadêmicos na área de violência escolar procuravam avaliar a relação entre o crime organizado, em bairros da periferia dos maiores centros urbanos, com a violência e o sentimento de insegurança nas escolas daqueles bairros. O tráfico de drogas e a disputa pelos territórios nos morros são considerados grandes causas da onda de violência nas escolas públicas do Rio de Janeiro pelas pesquisas de Costa (1993), Rodrigues (1994), Paim (1997) e Guimarães (1995).

Pesquisadores como Zaluar (1985, 1994) e Peralva (2000) evidenciam não apenas o poder das lideranças criminosas na vida cotidiana, mas também as múltiplas relações que decorrem de uma forma individualista da sociabilidade voltada para o consumo, que afeta, em particular, os segmentos juvenis (SPOSITTO).

Diante do exposto é possível observar muitos problemas que desencadeiam a violência escolar: presença de gangues, de armas, do tráfico de drogas, intolerância, indisciplina, entre outros. Nos dias atuais as condutas antissociais, bem como as formas de violência psicológicas no ambiente das escolas, são estudadas a partir do conceito de *bullying* (SPOSITTO), sendo este fenômeno uma das preocupações e objeto de estudo desta pesquisa.

1.2 O que é Bullying?

O psicólogo sueco Dan Olweus é conhecido por ser um dos pioneiros na pesquisa sobre o Bullying, originando o termo na década de 1970. No ano de 1993 em seu livro "*Bullying at school: what we know and what we can do*" o pesquisador apresenta seu trabalho, resultado de uma longa pesquisa em escolas na Noruega, onde vários casos de suicídio foram identificados e se fez necessário um levantamento das possíveis causas.

A pesquisa de Olweus revelou que a maioria das vítimas dos suicídios, bem como os demais alunos estudados, sofria algum tipo de violência no âmbito escolar, seja de natureza física ou psicológica. A partir dessa formulação, o termo *Bullying* foi apropriado por diversos

pesquisadores, em várias partes do mundo e contribuiu de forma essencial para o entendimento do comportamento agressivo entre pares nas escolas.

De uma forma simplificada define-se bullying como uma série de comportamentos negativos como colocar apelidos, ofender, gerar desconforto, humilhar, excluir, intimidar, assediar, aterrorizar, agredir, entre outros. Para Olweus “O estudante é vítima de *Bullying* quando ele ou ela é exposto (a), repetidamente e durante um longo período, a ações negativas por um ou mais colegas” (Olweus, 1993).

Uma ação pode ser dita negativa quando alguém intencionalmente impõe ou tenta impor desconforto em outra pessoa (Olweus 1973b, Berkowitz, 1993). Essas ações podem acontecer de forma física, por palavras ou de outras maneiras como fazer gestos maldosos ou exclusão intencional de um grupo. (Olweus, 1993)

Além do apresentado, para Olweus, para um caso ser identificado como Bullying precisa necessariamente existir o *desquilíbrio de poder ou força*, ou seja, uma relação assimétrica de poder entre os atores. Geralmente o estudante que é exposto a essas práticas tem dificuldade de defender-se.

Dessa forma o comportamento de Bullying pode ser descrito como:

- Comportamento agressivo ou querer “causar danos” intencionalmente
- Ocorre repetidamente e ao longo do tempo
- É uma relação interpessoal caracterizada por um desquilíbrio de poder ou força perceptível

Indivíduos ou grupos com características específicas, físicas, socioeconômicas, de etnia, orientação sexual, etc., diferentes do que é estabelecido como normal ou aceitável são mais suscetíveis a sofrerem *bullying* (Smith, 2002). Estudos apontam que ciganos, artistas de circo, estrangeiros e outros grupos nômades (Lloyd & Stead, 1998, 2001), alunos obesos (Griffiths, Wolke, Page, Horwood & ASLSPAC), de baixa estatura (Stein, Frasier & Stabler, 2004) e os homossexuais e filhos de homossexuais (Clarke, Kitzinger & Potter, 2004) são, estatisticamente, mais alvos de *bullying* do que os seus colegas considerados “normais”.

Segundo Martins (2005), o bullying pode ser exposto em três grandes tipos: **diretos e físicos**, que inclui agressões físicas, roubar ou estragar objetos dos colegas, extorsão de dinheiro, forçar comportamentos sexuais, obrigar a realização de atividades servis ou a

ameaça desses comportamentos; **diretos e verbais**, que incluem insultar, apelidar, “tirar sarro”, fazer comentários racistas; e **indiretos**, como isolamento sistemático de uma pessoa, fofocas e boatos, ameaça de exclusão do grupo para obter favorecimentos e manipular a vida social da vítima.

Em relação aos atores envolvidos nos casos de *bullying*, Fante (2005) Lopes Neto (2005) e Smith (2002) estabelecem a diferenciação de papéis dos indivíduos. Segundo os autores, existem agressores, vítimas e observadores. **Os agressores** são aqueles que lideram as práticas perante aos colegas, **as vítimas** podem ser passivas, agressivas provocadoras e podem também intimidar outros, e **observadores** são os que reforçam a intimidação, que participam indiretamente da agressão, por exemplo, ter o conhecimento do fato ocorrido e não manifestar-se, ou os que buscam ajudar e defendem o colega. Deve-se observar que os papéis não são fixos e os atores podem transitar entre eles.

Para quantificar a dimensão deste problema que afeta os jovens nas escolas brasileiras é válido apresentar a pesquisa realizada pela Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência (ABRAPIA) que apresentou em seu relatório final os seguintes resultados:

Dentre os entrevistados, 40,5% dos alunos admitiram estar diretamente envolvidos em atos de bullying, sendo que 16,9% como alvos, 12,7% como autores e 10,9% ora como alvos, ora como autores. Além disso, 60,2% dos alunos afirmaram que o bullying ocorre mais frequentemente dentro das salas de aula e 80% dos estudantes manifestaram sentimentos contrários aos atos de bullying, como medo, pena, tristeza, etc.

Daqueles que admitiram serem alvos de bullying 41,6% disseram que não solicitam ajuda aos colegas, professores ou família, entre aqueles que pediram o auxílio para reduzir ou cessar seu sofrimento o objetivo só foi atingido em 23,7% dos casos. É possível verificar, a partir dos número apresentados, que 64,3% daqueles que admitiram serem alvos de bullying, não tem seu problema cessado.

Dos jovens que participaram da pesquisa, 69,3% deles admitiram não saber as razões que levam à ocorrência de bullying ou acreditam tratar-se de uma forma de brincadeira. 51,8% afirmaram que não receberam nenhum tipo de orientação ou advertência quanto à incorreção de seus atos.

1.3 Críticas ao Conceito de Bullying

Pesquisadores da Universidade Federal de São Carlos apontam no texto “Do Bullying ao Preconceito: Os Desafios da Barbárie à Educação” algumas críticas ao conceito de bullying. Segundo Antunes e Zuin, alguns estudos que tentam pautar o tema do bullying, muitas vezes tem seu foco principal apenas em dados estatísticos e no diagnóstico de sua ocorrência. Para os autores, é fundamental a profundidade do entendimento das causas que faz real tal fenômeno.

É preciso levantar também os problemas de simplesmente apropriar-se de um termo estrangeiro para explicar um fenômeno da sociedade nacional. O termo “bullying” foi “importado” da língua inglesa por diversos pesquisadores em diversos países, muitas vezes sem a devida tradução. Isso pode ser prejudicial para uma pesquisa mais profunda e relevante pelo fato de permitir o englobamento de ideias e outros conceitos que, via de regra, são tratados como um fenômeno apenas. O preconceito, a violência, a indisciplina, etc., são apenas alguns conceitos que podem ser “mascarados” pelo termo *bullying*. (OLWEUS, 1993)

Ainda nesse sentido, as práticas de bullying são extensamente difundidas pela mídia. Baseando-se em modelos de uma educação pré-determinada, assim como sua fácil assimilação e ampla divulgação pelos meios de comunicação em massa, o desolamento causado por suas consequências e a inquestionável necessidade de intervenção via imperativos morais, denunciam, ainda, que apenas pelas lacunas, que tal conceito faz parte de uma ciência instrumentalizada que está a serviço da adaptação das pessoas para a manutenção de uma ordem social desigual. (ANTUNES & ZUIN, 2008)

Independentemente das críticas válidas à conceituação do termo *bullying*, a necessidade de se entender esse fenômeno é clara. O conjunto de práticas negativas, entre colegas, no ambiente escolar é de frequente ocorrência e pode trazer consequências graves para a socialização dos adolescentes.

É válido ressaltar que para conquistar resultados que contribuam para a mudança de pensamento dos agentes que são envolvidos em situações de *bullying*, este conceito deve ser não só quantificado, mas também desmiuçado em camadas qualitativas, que expliquem a natureza dos fatos. Cada caso deve ser analisado por suas causas específicas e especialmente, ter incorporado na análise as vozes dos agentes diretos naquela situação, como agressores,

vítimas e observadores. Devido à configuração e natureza dos casos de *bullying*, a percepção dos envolvidos é uma grande ferramenta de análise do problema.

2. Cyberbullying

“Eu me perguntava todo dia a razão daquilo estar acontecendo, até cheguei a pensar que merecia tudo aquilo. Sentia medo constantemente, não confiava em ninguém.”

(Vítima do Cyberbullying)

Assim como descrito no capítulo anterior, o fenômeno do bullying está presente na maioria das escolas em todo o mundo e é uma realidade que a maioria dos jovens enfrenta no seu dia-a-dia seja como agressor, vítima ou observador.

Nos dias atuais, o *bullying* não encontra barreiras para acontecer. Com o avanço das tecnologias de informação e de comunicação, as práticas do *bullying* migraram de forma permanente para o mundo virtual originando o que pesquisadores denominam de *Cyberbullying*. (Berson, Berson, and Ferron, 2002; Kennedy 2000; Finn and Banach 2000; Lamberg 2002; Spitzberg 2002, Finn 2004; Patchin and Hinduja 2006; Ybarra and Mitchell 2004, Anderson & Sturm, 2007).

O Cyberbullying refere-se ao uso de tecnologias de informação e comunicação e-mail, celulares, pager, redes sociais, etc., para a repetida e deliberadamente promover o comportamento hostil de um indivíduo ou de um grupo para prejudicar outros (Anderson & Sturm, 2007).

São comportamentos negativos como: a mentira, a ameaça, o insulto, a difamação, a intimidação, o rumor, a provocação, a exclusão, entre outros (Aricak et al., 2008) que causa a violência psicológica nas suas vítimas.

Para Willard (2006) o Cyberbullying pode ser dividido em diferentes formas, baseando-se na ação que se realiza:

- **Nominal:** provocar com o uso de linguagem vulgar e ofensiva
- **Perseguir ou assediar:** envio repetido de mensagens desagradáveis
- **Denegrir:** divulgação de mentiras sobre a vítima com o objetivo de causar danos a sua imagem ou reputação
- **Personificar:** fazer-se passar pela vítima no espaço virtual para degradar o relacionamento com seus amigos
- **Violar a intimidade:** partilhar online com terceiros os segredos, informações pessoais ou imagens da vítima.
- **Exclusão:** excluir a vítima de um grupo online de forma deliberada ou cruel
- **Intimidação:** enviar mensagens insultuosas, desagradáveis para desencadear o medo ou intimidação na vítima.

Segundo Smith (2006) essas ações podem ocorrer através de programas de mensagens instantâneas, mensagem de texto (SMS), fotografias ou vídeos de câmeras de celular, telefone, e-mails, sites, redes sociais, salas de chat e jogos online.

Devido a sua natureza, muitos pesquisadores descrevem o Cyberbullying como um fenômeno mais problemático que o bullying tradicional. A agressão e a perseguição psicológicas constantes e exposição para uma grande quantidade de pessoas possibilitadas pelo alcance da internet trazem consequências muito desastrosas para os indivíduos. Stress, depressão, tensão, desconfiança, insegurança e autoestima baixa são alguns dos sintomas mais frequentes apresentados pelas vítimas (Anderson & Sturm, 2007).

Em 2010, a ONG PLAN Brasil, que atua no desenvolvimento de crianças e adolescentes, realizou uma pesquisa com 5.168 alunos de 10 a 14 anos nas cinco regiões do País, o relatório final é pioneiro no país em relação ao tema do Cyberbullying e trouxe resultados alarmantes. A Organização revelou que o Cyberbullying já é a prática mais frequente no país, superando as práticas do bullying tradicional, afirmando que enquanto 10% dos alunos já sofreram ou praticaram bullying, 16,8% foram vítimas e 17,7% praticaram o Cyberbullying.

Em relação aos meios utilizados pelos agressores constatados pela pesquisa foram: MSN Messenger, sites de relacionamento (Facebook, Orkut, Witter). Esses dados são importantes na medida em que representam os meios mais utilizados na internet,

principalmente por jovens, e consistem em ambientes ainda não protegidos por leis e regras rígidas de comportamento.

2.1 Diferenças entre Cyberbullying e Bullying

No que se refere às definições mais aceitas para os dois fenômenos, bullying e Cyberbullying são fenômenos muito próximos. Os comportamentos, frequência e consequências são comparáveis.

Entretanto, o Cyberbullying é de fato um fenômeno com características próprias devido ao meio específico que o possibilita: a internet, um ambiente dinâmico, fluido, de rápido acesso e constante transferência de informações. Este meio, por sua natureza virtual, não possui regras de conduta claras e são pouco rígidas, produzindo um espaço onde o anonimato do agressor pode ser mantido.

Os *bullies* (*agressores do bullying*) são visíveis, mas os *cyberbullies* podem ter suas identidades desconhecidas. O ciberespaço permite um poder maior dos agressores em relação às vítimas, visto que não existe um lugar e tempo definido em que ocorre, pode acontecer em qualquer lugar, bastando apenas a ferramenta eletrônica para tornar-se real. Com a grande expansão do acesso e consumo dos aparelhos eletrônicos e serviços de internet, as vítimas podem estar em sua casa, um local teoricamente seguro, e mesmo assim sofrer ameaças e constrangimentos.

Além disso, conforme mencionado, a capacidade de difusão do Cyberbullying é amplamente mais poderosa e rápida que o bullying. Via de regra, o número de pessoas que presencia o bullying é de restrito aos atores do ambiente escolar, em alguns casos apenas a vítima e o agressor sabem da situação. Enquanto no Cyberbullying o número de pessoas pode ser o mesmo que a extensão infinita da internet e pode alcançar milhares de pessoas em poucos segundos.

Outro ponto importante é o fato do Cyberbullying possibilitar maior descolamento entre os papéis dos agentes envolvidos nos episódios online. A vítima do bullying, por definição, não possui as ferramentas ou habilidade psicológica forte o suficiente para cessar

essas práticas (Olweus 1993). Já no Cyberbullying observa-se maior potencial da vítima defender-se, podendo até em algumas situações adaptar-se no papel de agressor.

Uma ferramenta de defesa decorrente do Cyberbullying em comparação ao bullying é o fato de que as informações colocadas na internet ficam registradas e dessa forma há uma maior possibilidade de se comprovar que tais práticas ocorreram e conseqüentemente confrontar o agressor na tentativa de cessar as práticas negativas.

2.2 Causas do Cyberbullying

As práticas do bullying e mais precisamente as atitudes dos agressores e vítimas podem ser caracterizadas a partir do conhecimento das táticas de poder manifestadas, assim como Foucault estabelece, a “microfísica do poder”. Esta expressão refere-se às estratégias que “enraízam” o poder na forma de comportamentos e relações entre os indivíduos (FOUCAULT, 1979). Este autor está interessado na forma como o poder é administrado pelas pessoas e as estruturas que organizam a vida cotidiana, de forma invisível e muitas vezes banal.

Isso está muito próximo do que se verifica nesse estudo, a relação de poder assimétrica, a forma como os indivíduos utilizam-se de práticas negativas, que se manifestam de forma sutil e implícita por vezes, são formas de estabelecer poder, e elas são típicas da natureza dos casos estudados.

Além disso, para se entender as causas das práticas do *Cyberbullying* é preciso adentrar em uma questão antiga da sociologia, que é sobre o indivíduo e sociedade. É impossível entender a violência e intolerância expressadas por atos de *bullying* e *Cyberbullying* sem refletir a respeito da violência contida no próprio processo civilizatório que por si próprio já acarreta vários conflitos. (NOBERT ELIAS, 1968),

O *Cyberbullying* apresenta alguns fatores determinantes que se aproximam do conceito de preconceito, principalmente quando expressa fatores sociais que determinam as vítimas e grupos alvo (*ver item 1.2*). Alguns estudos acreditam que o que tem sido denominado *bullying*, e conseqüentemente *Cyberbullying* pela natureza muito similar aos dois

fenômenos, na verdade é algo de antigo na humanidade, mas que ganhou nova nomeação pela necessidade imediata de sua assimilação.

Esta necessidade está possivelmente relacionada ao fator de alcance que o *bullying* e mais ainda o *Cyberbullying* detêm. Práticas de preconceito e violência moral atingiram o ambiente escolar que é um dos maiores meios de socialização de crianças e adolescentes. Socialização esta que, assim como Rouanet (1998) afirma, faz com que ocorra a internalização da ideologia dominante e quando se atinge a vida adulta tem a sociedade em si mesmo.

Pelo processo de socialização aprendem-se os valores dominantes, mas se esses valores não condizem com o que é próprio do indivíduo, sua natureza, existirá um conflito entre os desejos individuais e as normas da cultura dominante, que não respeita as práticas diferentes de indivíduos, gerando a intolerância. Acrescentaria ainda mais um agravante: a sociedade de consumo e de metas em que vivemos.

Esse fato adicionado aos sentimentos redirecionados como mecanismo de defesa pode ser o conjunto sufocante de fatores que fazem com que o preconceito se manifeste materialmente.

Robert Weiss tem estudos sobre a solidão. Duas de suas categorias segundo este autor são: a solidão emocional e a solidão social. A solidão social consiste na falta de amizades e falta de um sentimento de pertencer a uma comunidade, tal como o sentimento de tédio e marginalidade.

Já a solidão emocional consiste no sentimento de vazio e inquietação causada pela falta de relacionamentos profundos. Com isso em mente é possível pensar que as redes virtuais podem diminuir a solidão social, por proporcionar o encontro de pessoas de todos os lugares a qualquer hora, mas podem aumentar a solidão emocional, por aumentar o número de amizades superficiais e que não necessariamente traduzem-se em laços fortes e significantes.

O preconceito perpetuado pelo processo de socialização e o aumento da solidão emocional como consequência do uso exacerbado dos meios eletrônicos podem ser ferramentas muito importantes para iniciar a tangenciar das causas essenciais de fenômenos como o *bullying*, e aqui principalmente, o *Cyberbullying*.

2.3 Consequências do Cyberbullying

Os adolescentes envolvidos em uma situação de bullying ou Cyberbullying, via de regra, não possuem mecanismos de defesa suficientemente fortes para combater tais fenômenos. Quase sempre não há comunicação com os responsáveis ou colegas que possam ajudar, e isso estende o período de ocorrência dessas práticas. Para alguns adolescentes não reconhecem como verdadeiro o seu sofrimento, minimizando os danos ou atribuindo a si mesmo a razão pelo sofrimento sentido, como se merecessem a condição que lhes é imposta. (Paulk, Swearer, Song e Carey, 1999).

Patchin e Hinduja (2006) entrevistaram 384 jovens com idade até 18 anos ao redor do mundo, por meio de um website. Entre as vítimas do cyberbullying que foram entrevistadas, 32% disseram que foram afetadas de alguma forma pelo evento no ambiente escolar. Pesquisadores (Brown, 2006; Campbell, 2005) observaram que as características do Cyberbullying produzem consequências psicológicas ainda maiores do que aquelas encontradas no bullying tradicional.

Uma das razões se dá ao fato de que insultos ou comentários podem ser mantidos, para que o alvo possa lê-los repetidamente, machucando o psíquico a cada vez. O potencial para sérias consequências é ilustrado por diversos suicídios, assassinatos e quantidade desconhecida de alunos que deixam as escolas em virtude de respostas ao Cyberbullying (Brown, 2006).

Além disso, o tamanho da audiência expande o grau de humilhação experimentada pela vítima, o que é provável de aumentar o impacto psicológico de tais eventos. Quando o Cyberbullying é anônimo, a confiança da vítima em outras pessoas diminui, na medida em que não se pode ter certeza de quem são os amigos verdadeiros ou não. Se o conteúdo é ameaçador e anônimo, o grau de medo é maior e pode acarretar altos níveis de angústia e ansiedade. (Campbell, 2005)

Outra consequência do Cyberbullying é que a hostilidade pode migrar do ambiente virtual e continuar face a face quando os jovens estão no ambiente escolar. Isso pode acarretar em problemas de frequência nas aulas, assim como no desempenho acadêmico.

3. Pesquisa

O objetivo dessa pesquisa foi conhecer o fenômeno do Cyberbullying no cotidiano de adolescentes do ensino médio, em uma faixa etária de 12 a 17 anos, pois se entende que é nesse período em que se formam as identidades e nem sempre os jovens estão preparados para defender-se.

Foram identificados dois casos de Cyberbullying e por meio de entrevistas individuais com os envolvidos: agressores e vítimas e dessa forma, foi possível um levantamento exploratório dessa prática, bem como compreender de que forma afeta a vida dos atores. Além dos envolvidos diretamente, foram realizadas entrevistas com os indiretamente afetados pelo fenômeno estudo para que houvesse um entendimento de como os observadores da situação se comportam quando inseridos em tal contexto.

3.1 Metodologia

Como exposto no Capítulo I, os estudos sobre o bullying são recentes, a formulação de tal conceito, bem como o entendimento de suas práticas, ainda não foi totalmente capturada por pesquisadores. Esta realidade é ainda mais perceptível quando se trata do Cyberbullying no Brasil, onde tal fenômeno ainda não despertou grande motivação por parte de estudiosos.

Este fenômeno é muito complexo na medida em que acompanha não só os estudos de bullying, mas também envolve a análise do comportamento moderno, das novas tecnologias, do impacto causado pelo consumo, entre outros fatores relativamente novos no entendimento científico. Dessa forma, ainda são raros os estudos sobre o Cyberbullying e esta pesquisa pretende contribuir para esta área de estudos.

Diante desse contexto, este trabalho é uma proposta de *pesquisa exploratória* sobre o referido fenômeno. As referências bibliográficas sobre o assunto ainda são escassas e não foi encontrado, no Brasil, um estudo profundo e qualitativo sobre o tema. Dessa forma, a metodologia definida para esta pesquisa foi a de entrevistas com indivíduos no contexto do cyberbullying, e com os envolvidos direta e indiretamente, na tentativa de identificação das questões mais importantes sobre o tema.

Como já mencionado, o cyberbullying ainda é um tema a ser muito explorado para a identificação exata de sua natureza. A dificuldade de caracterização e definição deste fenômeno são perceptíveis, de forma muito clara, na identificação de casos ocorridos. Se não há clareza e conhecimento que o cyberbullying existe, que atinge pessoas todos os dias, das suas práticas, entre outras características, não é possível reconhecê-lo facilmente.

Saliento a extrema dificuldade em localizar casos de cyberbullying, seja pelo não conhecimento do tema ou pelo fato de ser uma situação particular de cada indivíduo que muitas vezes não quer se manifestar sobre o ocorrido.

3.2 Técnicas de Coleta de Dados

Em algumas pesquisas, devido a natureza do problema pesquisado, não é possível obter dados apenas com a pesquisa bibliográfica e observação. Dessa forma, uma das formas de complementar a coleta de dados seria a entrevista. Haguette (1997, pag. 86) define essa técnica como um “processo de interação social entre duas pessoas, na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado”.

Através da entrevista é possível a obtenção não só de dados objetivos, mas também os subjetivos. Os dados objetivos podem ser obtidos também através de fontes secundárias como censos, estatísticas, entre outros. Os dados subjetivos só poderão ser obtidos através da entrevista, na medida em que se percebem os valores incorporados às atitudes e às opiniões dos sujeitos entrevistados.

Nesta pesquisa foram realizadas entrevistas semiestruturadas, conduzidas com o apoio de roteiro montado a partir do “Olweus Bullying Questionnaire” parte do Programa de Prevenção ao Bullying (OLWEUS,1993). Mediante ao fato de que o referido questionário tem seu foco no fenômeno de Bullying, o roteiro desta pesquisa sofreu ajustes e adaptações para englobar, também, o conceito de Cyberbullying.

O tema das perguntas foram pensados com o objetivo de coletar informações referentes as percepções dos adolescentes e adultos no que tange assuntos como: a escola, práticas de bullying, práticas de cyberbullying, tecnologias, entre outros.

Além disso, as perguntas sofreram adaptações conforme o entrevistado. Para que as vítimas, principalmente, estivessem confortáveis o suficiente para revelar informações relevantes à pesquisa, as entrevistas foram prolongadas e transferidas para o meio virtual e através do telefone, mediante aprovação do responsável.

O contexto das entrevistas era de uma conversa informal e a interferência do entrevistador manteve-se em nível mínimo, lembrando que é essencial comportar-se como um ouvinte e apenas interferir para impedir a o término precoce da entrevista ou em caso de extrema necessidade.

A entrevista como coleta de dados é utilizada geralmente na descrição de casos individuais, na compreensão de especificidades culturais para determinados grupos e para comparabilidade de diversos casos. (MINAYO, 1993)

Como apontado anteriormente no *item 3.1*, a identificação dos casos de Cyberbullying é muito complexa, pelo fato de não ser um tema muito explorado e não haver conhecimento profundo do assunto, a busca por casos reais que revelassem o fenômeno foi, de fato, muito árdua.

Apesar da dificuldade, foram identificados dois casos de Cyberbullying, levando-se em conta as definições do fenômeno explicadas anteriormente no *item 2*. Em cada caso foram ouvidos os envolvidos diretamente, ou seja, vítima e agressor, assim como foram entrevistados, também, os participantes indiretos dos casos. Para preservar a identidade dos envolvidos foram designados nomes fictícios para cada um dos atores.

O fator de gênero não foi considerado como relevante na pesquisa, entretanto, os casos envolveram meninos e meninas distintamente. No caso 1 apenas meninos eram os atores das práticas do Cyberbullying e no caso 2 apenas meninas estavam envolvidas.

Em ambos os casos as entrevistas ocorreram nas casas dos envolvidos e primeiramente na presença do responsável, pois se tratava de adolescentes menores de 18 anos. Como o entendimento da situação necessitava de certa profundidade do ocorrido, foi solicitado permissão aos responsáveis para que a entrevista se estendesse via e-mail ou telefone. Em ambos os casos essa permissão foi dada e dessa forma pode-se ter uma visão profunda do ocorrido, especialmente sob o olhar das vítimas.

CASO 1	
Envolvidos Diretamente	
Agressor, 14 anos	Menino
Vítima, 13 anos	Menino
Envolvidos Indiretamente	
Familiar do Agressor	
Familiar da Vítima	
Coordenador da Escola	
CASO 2	
Envolvidos Diretamente	
Agressor, 13 anos	Menina
Vítima, 13 anos	Menina
Envolvidos Indiretamente	
Familiar do Agressor	
Familiar da Vítima	
Coordenador da Escola	

3.3 Análises das Entrevistas

A análise das entrevistas realizadas será feita de acordo com a técnica de análise de conteúdo categorial simplificada de Bardin (2004), definida como análise de conteúdo temática e categorial.

De acordo com essa técnica de análise cada corpo textual é verificado separadamente durante a fase de pré-análise, sendo que durante a etapa de codificação-categorização, a totalidade dos dados são enquadrados em dois grandes *corpus* (Bardin,2004) sendo que um será composto pelas entrevistas com os envolvidos diretamente e o outro será composto pelas entrevistas realizadas com envolvidos indiretamente.

As entrevistas com os envolvidos diretamente, ou seja, os atores principais de ambos os casos de Cyberbullying foram analisadas como um mesmo corpus textual e estão representados abaixo, alguns exemplos de aspectos importantes verbalizados pelos adolescentes durante as entrevistas.

3.3.1 Análise das Entrevistas com Vítimas e Agressores

Tema 1: A escola	
<p>Justificativa: O tema da escola, segundo a percepção dos adolescentes, foi abordado para, além de um primeiro contato, com os entrevistados, entender como é a visão deles sobre o ambiente escolar, sua relação com colegas, professores e coordenadores.</p>	
Perguntas	Respostas
<p>Você gosta da escola</p>	<p>Vítima 1: “Eu gosto da escola, apesar de não gostar da sala que estava, mas gosto de estudar...acho importante.”</p>
	<p>Vítima 2: “As vezes eu não gosto, porque não parece que as pessoas estão lá para estudar... parece que só vão para procurar intriga. Mas agora gosto mais.”</p>
	<p>Agressor 1: “Eu gosto. Meus amigos estão lá e aí eu posso conversar e jogar com eles.”</p>
	<p>Agressor 2: “Não gosto muito de estudar, acho que eu prefiro não ir. Mas é necessário”</p>
<p>Você confia nos professores ou na direção da escola</p>	<p>Vítima 1: “Eu acho que às vezes eles podiam ser mais claros, alguns professores não sabem responder direito o que a gente pergunta”. Eles não conseguem controlar a classe às vezes...”</p>
	<p>Vítima 2: Eu não confio que eles possam fazer muita coisa quando os alunos ficam zoando os outros.</p>
	<p>Agressor 1: Os professores são legais, mas não sei se confio neles, eles contam para nossos pais o que fazemos.</p>

Agressor 2: Confio que eles possam ajudar, mas não pediria nada pra eles.

Diante desse tema, pode-se observar que a maioria os alunos entrevistados, tanto vítimas como agressores, percebem a escola como sendo importante para suas vidas. Sutilmente observa-se que o aspecto social foi levantado e tem valor na percepção dos jovens. O fato de poder ver os amigos, ou estar em uma sala agradável, ou conhecer pessoas com o mesmo interesse, tem efeito direto sobre gostar mais ou menos da escola.

Quando indagados sobre os professores e direção da escola, três dos quatro entrevistados demonstraram certa desconfiança em relação à possibilidade de influencia dos profissionais. Essa pergunta foi importante na medida em que revelou a distância entre os alunos e as autoridades escolares, quando a indagação foi formulada esperava que os jovens fossem demonstrar sua indignação quanto à alienação ou falta de suporte das autoridades escolas. Ao invés disso, o tom dos adolescentes sugeriu que para eles, essa imagem de que os professores e direção devem ser papéis atuantes e que devem garantir sua segurança, não existe. O que sugere é a conformidade dos papéis dentro da escola.

Tema 2: Internet e meios de comunicação

Justificativa: No contexto do Cyberbullying é importante entender como os jovens utilizam a internet e os meios de comunicação (principais meios pelos quais o Cyberbullying ocorre).

Perguntas

Respostas

Quantas horas por dia você utiliza a internet, inclusive no smartphone.

Vítima 1: “Antes eu usava mais, acho que umas quatro horas por dia depois da escola, agora acho que duas horas, mas o celular fica ligado todo dia então dá pra ver quando alguém fala comigo.”

Vítima 2: “Eu uso bastante mais de 5 horas por dia, eu não tenho smartphone.”

Agressor 1: “Só quando quero falar com alguém ou procurar alguma coisa, gosto

	<p>mais de jogar, o iphone fica ligado direto.”</p> <hr/> <p>Agressor 2: “Acho que mais de três horas por dia, eu tenho smartphone, a internet do celular fica ligada”</p>
<p>O que você mais faz na internet</p>	<p>Vítima 1: “Eu fico no Facebook, ou lendo blogs, também gosto do Twitter, mas é mais Facebook”</p> <hr/> <p>Vítima 2: “Facebook, leio blogs de moda, música, também gosto do tumblr, chat...”</p> <hr/> <p>Agressor 1: “Eu sempre olho meu Facebook, e fico conversando no chat dele. Mas eu prefiro os jogos multiplayer online.”</p> <hr/> <p>Agressor 2: “Eu jogo ou leio e-mails, também tenho perfil no Facebook então olho pra ver se alguém colocou alguma coisa interessante.”</p>
<p>Alguém controla o que você faz na internet</p>	<p>Vítima 1: “Agora minha mãe controla, mas antes não. ”</p> <hr/> <p>Vítima 2: “Raramente minha mãe ou pai me perguntam o que estou fazendo na internet, mas quando perguntam eu nem sempre falo a verdade”</p> <hr/> <p>Agressor 1: “Minha mãe não pergunta, meu pai às vezes vem ver o que está na tela, mas tem aqueles atalhos que dá pra esconder.”.</p> <hr/> <p>Agressor 2: “Meu pai e minha mãe controlam, mas geralmente eles não estão em casa.”</p>

Com as três perguntas apresentadas são reveladoras na medida em que atacam três propriedades essenciais do Cyberbullying: o tempo de exposição aos meios eletrônicos, os ambientes virtuais que possibilitam essas práticas e a não orientação e supervisão de adultos no que se refere aos conteúdos acessados e explorados pelos jovens.

Um dos agravantes do Cyberbullying em relação ao bullying tradicional, como apontado no capítulo anterior é o fato de as vítimas estarem expostas aos seus agressores por muito mais tempo se comparados com o bullying. É possível perceber pelas respostas dadas que todos os jovens entrevistados passam boa parte de seu dia conectados na rede, sejam algumas horas em seus computadores, seja constantemente conectados por via dos smartphones e outros dispositivos que oferecem a conexão ilimitada.

Todos os entrevistados têm perfis em redes sociais e acessam diariamente o site de relacionamentos Facebook. Este ambiente virtual contém fotos, vídeos e outras informações pessoais que seus usuários colocam e estão dispostos a compartilhar. Todos os usuários que estão na lista de amigos podem escrever o que quiserem em seu mural e todos os outros amigos da lista irão ler o que foi escrito.

É fato que Facebook contém propriedades de privacidades que podem ser alteradas de acordo com a preferencia dos usuários, mas por ser um ambiente altamente frequentado por jovens, seria necessário regras mais claras no que se refere à privacidade de informações e acesso aos perfis.

Dessa forma, a conexão ilimitada à internet, a alta popularização de sites como Facebook, aliados a falta de supervisão de adultos, torna-se o cenário ideal para que práticas como o Cyberbullying ocorra.

Tema 3: Bullying e Cyberbullying

Justificativa: Essa série de perguntas buscou entender a percepção dos alunos sobre o bullying e depois de uma breve explicação sobre o Cyberbullying, indagar sobre a percepção desse fenômeno.

Perguntas

Você ouviu falar em bullying e o que você acha que é

Respostas

Vítima 1: “Sei o que é, bullying é quando alguém humilha você, te faz passar por

	<p>coisas chatas só pelo prazer de ver a outra triste. Aconteceu comigo e é muito ruim”</p> <hr/> <p>Vítima 2: “É o que acontece quando algum aluno fica maltratando o outro, já fizeram isso comigo, foi difícil.”</p> <hr/> <p>Agressor 1: “Sei o que é, é quanto alguém quer tirar sarro de outra pessoa, coloca apelidos, dá um gelo, por zoação.”</p> <hr/> <p>Agressor 2: “Sim, acontece muito na escola, às vezes é muito chato, já aconteceu comigo, mas eu também já fiz”</p>
<p>O que você compreende sobre o Cyberbullying</p>	<p>Vítima 1: “É bem pior, se alguém fala alguma coisa de você e coloca na internet todos seus amigos ficam sabendo e também é fácil criar mentira”.</p> <hr/> <p>Vítima 2: “Às vezes você acha que não tem pra onde ir porque não dá pra ficar sem o celular pelo menos, é horrível, todo mundo fica sabendo e é difícil depois pra provar quem fez isso.”.</p> <hr/> <p>Agressor 1: “É difícil, mas se alguém fala mal de você, você tem que se defender, e quem sabe de computador pode vingar. É fácil encontrar todo mundo da escola no Facebook e saber da vida deles.”.</p> <hr/> <p>Agressor 2: “É ruim, mas não é tão sério como o bullying, não tem agressão física.”</p>
	<p>Vítima 1: “Fizeram isso comigo, alguém colocou um comentário que não era verdade sobre mim, mas aí todo mundo acreditou e começaram a me zoar pela internet. Só que aí na escola ninguém queria falar que era o culpado”.</p>

Já foi vítima ou autor do Cyberbullying

Vítima 2: “Uma pessoa pegou fotos minhas e fez montagens que não eram verdade, aí as pessoas riam da minha cara na escola e não paravam de me mandar mensagens pelo facebook e no celular. Foi muito chato, não dava para tirar aquilo do Facebook porque era em um perfil falso.”.

Agressor 1: “Eu queria provocar um menino na escola (Vítima 1), ele parecia meio isolado e queria zoar ele. Falei algumas coisas dele no Facebook, aí o pessoal também entrou na onda, no começo a gente achava que ele não estava dando bola”.

Agressor 2: “Eu tinha uma amiga (Vítima 2) que criou uma confusão na escola por causa de outra amiga, aí eu queria mostrar pra ela que ela tinha que parar porque ela não era uma pessoa legal. Então espalhei uma foto que não era dela pra fazer as pessoas provocarem ela”.

Essa parte das entrevistas constatou que todos os jovens entrevistados sabem e conhecem de perto o fenômeno do bullying. Suas percepções de tal prática se encaixam nas definições esplanadas no *capítulo 1 – O que é Bullying*. É interessante refletir sobre a forma como os agressores e vítimas se expressaram sobre a ocorrência do bullying. A vítima 1 não vê outra explicação para essa situação do que o simples desejo do agressor em causar o desconforto e dano a sua vítima. Isso é explicado por grande parte da literatura sobre este fenômeno em que não se vê motivação aparente para um aluno se tornar agressor ou *bullie*. Entretanto, na atualidade alguns pesquisadores se preocupam em relatar mais sobre o agressor do que a vítima, explicando que há de fato várias causas para a ocorrência do bullying e essas causas estão diretamente ligadas ao seu contexto familiar e de socialização.

Analisando a fala do Agressor 1, é possível identificar a percepção de que o bullying, para ele, tem um tom positivo, de brincadeira e apenas “zoar” o seu colega, sem perceber as graves consequências que comportamentos como este podem acarretar às suas vítimas.

É interessante analisar a expressão “zoar”, esta palavra emergiu nos relatos constantemente. Em seu uso original, “zoar” expressa o ato de soar fortemente, de zunir, zumbir, entretanto, essa expressão é utilizada de maneira informal, incorporando a ideia de bagunçar, brincar, debochar, atrapalhar, entre outros. Percebe-se que “debochar, atrapalhar” são termos muito próximos daqueles que definem o bullying segundo Olweus, como o ato de assediar, gerar desconforto, humilhar, entre outros.

Já a expressão “dar um gelo” refere-se ao ato de isolar o colega de grupos ou da interação com outros colegas, comprovada pela definição de Olweus, onde o ato de excluir um indivíduo é uma das práticas do bullying.

O relato do Agressor 2 é importante na medida em que contradiz o estigma que os agressores são sempre agressores. O fato de ele ter sido tanto vítima como agressor em situações desse gênero, comprova o explanado no capítulo 1 em que se afirma que os papéis desempenhados pelos atores no contexto do bullying não são fixos, é possível o deslocamento entre eles. De acordo ainda com o relato do jovem, a prática do bullying é algo negativo, “ruim”, entretanto isso não o impediu de participar como agressor em nessas situações.

Em relação ao Cyberbullying, a pergunta feita aos jovens foi realizada após uma breve explicação do que é o fenômeno, comparando-o com o bullying e exemplificando suas características principais. Dessa forma, as respostas dos jovens expressam diferentes aspectos do fenômeno no ciberespaço, para o primeiro deles, a Vítima 1 apresenta o fator de alcance do Cyberbullying em que facilmente um boato ou uma mentira se espalha pelo público cada vez mais presente nas redes. Outro aspecto é o da facilidade de criar mentiras através de principalmente os sites de relacionamentos, o mais acessado pelos jovens em questão, o Facebook.

Em sua essência o Facebook foi criado para promover a interação rápida de seus usuários, escrever comentários, colocar fotos, vídeos, informações, tudo isso é realizado com apenas alguns cliques e sem o monitoramento rígido da empresa. Todas as pessoas podem publicar algo no mural alheio, o único requisito é que estejam na lista de amigos do usuário. As regras de segurança e privacidade do referido site não são claramente explicadas para os

usuários e por isso colocar fotos falsas, comentários com o objetivo de denigral, entre outros, se torna uma prática de fácil ocorrência nessa rede social.

Já a Vítima 2, relatou sobre uma das características mais importantes do Cyberbullying no que se refere a constante exposição da vítima ao seu agressor. O trecho “às vezes você acha que não tem pra onde ir” se refere ao fato de os jovens estarem conectados 24 horas aos seus aparelhos que através da internet fazem chegar as mensagens e arquivos nem sempre positivos. Em uma situação de Cyberbullying o agressor pode atingir a vítima sempre que assim desejar, as mensagens chegam constantemente via celular, computador, não importando o local onde a vítima se encontra.

Outra característica apresentada pela Vítima 2 se refere à dificuldade de encontrar os responsáveis pelas ofensas realizadas virtualmente, em alguns casos apenas com a ajuda de especialistas é possível rastrear o computador de onde as ameaças saíram e dessa forma identificar o agressor ou agressores.

Ainda em relação a esse relato, vale destacar a ideia de que “não dá para ficar sem o celular pelo menos”. Esse trecho revela a dependência criada por uma sociedade de consumo por bens materiais e principalmente por comunicação e constante contato, através de celulares, computadores e outros dispositivos. O fato de existir a falsa necessidade de utilizar e portar constantemente esses aparelhos, faz com que o ambiente promotor do Cyberbullying esteja sempre acompanhando os jovens.

Vale lembrar que segundo Bauman (2001) a tecnologia é emblemática da compressão espaço-tempo, demarcando sua importância no contexto por ele denominado “modernidade líquida”: “Corpo esguio e adequação ao movimento, roupa leve e tênis, telefones celulares (inventados para o uso nômades que tem de estar “constantemente em contato”), pertences portáteis ou descartáveis – são os principais objetos culturais da era da instantaneidade” (Bauman, 2001, p. 149).

A fala do Agressor 2, diferentemente das outras, apesar de reconhecer como negativo as práticas do Cyberbullying, não o vê como mais grave que as práticas do bullying tradicional, na medida em que não identifica a agressão física no ciberespaço. Esse relato contradiz com estudos que revelam as consequências do Cyberbullying como mais impactantes no psíquico das vítimas.

A última etapa de perguntas foi realizada com intuito de saber dos jovens se já foram vítimas ou autores do Cyberbullying. Os relatos das vítimas revelam as práticas típicas do Cyberbullying, como espalhar boatos falsos na internet, anonimato, montagem com fotos que não pertenciam ao usuário com o objetivo de causar danos à imagem da vítima. Segundo a vítima 2, as gozações e humilhações migraram do ciberespaço para o ambiente escolar tendo em vista que os colegas a humilhavam e constrangiam no espaço escolar, além da criação de um perfil fácil justamente para atingir a vítima e proteger a identidade do agressor.

3.3.2 Análise das Entrevistas com Familiares e Coordenadores

Tema 1: Bullying e Cyberbullying	
Justificativa: Essa série de perguntas buscou entender a percepção dos coordenadores e familiares sobre o bullying e, depois de uma breve explicação sobre o Cyberbullying, indagar sobre a percepção desse fenômeno.	
Perguntas	Respostas
Bullying	Familiar Vítima 1: “É uma crueldade, coisa de crianças que não tem instrução familiar”.
	Familiar Vítima 2: “Bullying quem faz é jovem, acha que pode tudo e não entende as consequências”
	Familiar Agressor 1: “É uma coisa natural na escola, sempre acontece, é ruim porque as crianças deveriam apenas ter a preocupação de estudar”
	Familiar Agressor 2: “É normal na vida dos jovens, eles tem que lidar com isso. A escola tem que saber por limites”.
	Coordenador 1: “Os alunos passam muito tempo juntos, cada um tem seu jeito e é criado de forma diferente, é normal ter conflito. Tentamos ao máximo monitorar

	<p>os exageros”</p> <hr/> <p>Coordenador 2: “Infelizmente, é algo muito comum nas escolas, cabe não só aos professores e coordenadores, mas aos pais ensinarem aos filhos que não pode maltratar os colegas”</p>
<p style="text-align: center;">Cyberbullying</p>	<p>Familiar Vítima 1: “É muito mais complicado, porque nunca se sabe o que eles estão fazendo na internet”</p>
	<p>Familiar Vítima 2: “Os jovens gostam muito da internet, querem estar juntos e conversar o tempo todo. É muito tempo conectado. É difícil porque não conseguimos ver o que está acontecendo, não tem nenhum sinal a não se que eles contem”.</p>
	<p>Familiar Agressor 1: “A internet é perigosa, porque tem gente do mundo todo que pode alcançar os filhos. Mas tem que conversar, fazer os jovens entenderem que tem que ter responsabilidade para usar esses aparelhos”</p>
	<p>Familiar Agressor 2: “A internet veio pra ficar na vida de todo mundo, é difícil controlar, mas tem que fazer isso”</p>
	<p>Coordenador 1: “Os adolescentes estão muito dependentes dos aparelhos eletrônicos, a toda hora estão com seus celulares mandando mensagens, podemos confiscar os aparelhos dentro da sala, mas aí é uma confusão com os pais”.</p>
<p>Coordenador 2: “Acontece também na internet, já recebi reclamações de pais</p>	

com relação a isso, mas existe muito pouco que podemos fazer, pois não podemos controlar o conteúdo trocado entre os alunos”

Os relatos sobre a percepção do bullying por parte dos familiares e coordenadores revelaram que a opinião comum entre eles é a de que as práticas desse fenômeno são próprias do ambiente escolar e da idade juvenil. Para eles “é normal na vida dos jovens” e é “algo muito comum nas escolas”, esses trechos são preocupantes se for levado em consideração que a escola deve ser um ambiente de aprendizado e não violento com constantes episódios de humilhação e agressividade. É importante destacar a tentativa de minimizar a situação do bullying chamando-o de “conflitos”, mascarando as práticas cruéis que esse fenômeno envolve.

Além disso, observa-se certa divergência entre quem seria o responsável pelo monitoramento e repreensão dos jovens. O Familiar do Agressor 2 entende que a escola deve saber “por limites”, referindo-se a responsabilidade da escola em criar um ambiente seguro e de bem-estar para todos, já o Coordenador 2 acredita que a responsabilidade de ensinar os adolescentes a respeitarem seus colegas é dos pais. Isso ressalta o descompasso entre pais e os gestores escolares no que se refere ao processo de socialização dos adolescentes.

A respeito do Cyberbullying uma das preocupações mais apontadas tanto pelos familiares quanto pelos coordenadores é o controle do conteúdo, frequência de uso e dependência dos jovens em relação aos aparelhos eletrônicos de comunicação, especialmente aqueles que utilizam a internet.

Os familiares dos adolescentes pesquisados expressam que não têm total conhecimento do que seus filhos fazem na internet. Entendem os perigos e sabem que é preciso instruir para que não sejam vítimas do Cyberbullying, porém, na prática não exercem a função de disciplinadores e instrutores. Da mesma forma, os Coordenadores entrevistados não souberam apontar exatamente uma forma de monitorar o uso de aparelhos eletrônicos nas escolas.

O Coordenador 2 admite que recebeu reclamações sobre ameaças ou boatos espalhados na internet sobre alunos de sua escola, entretanto afirma que não têm o poder de controlar o conteúdo trocado entre os alunos, assim como o Coordenador 1 afirma não poder confiscar os aparelhos dentro da sala, pois isso acarretaria em conflitos com os pais.

O que se observa claramente, é a falta de diálogo entre coordenadores e familiares dos adolescentes no que se diz respeito a regras de conduta mais rígidas dentro da escola. Talvez falte mais esclarecimento sobre as manifestações do Cyberbullying e suas graves consequências.

Foi constatado também, que os familiares pouco falam com seus filhos sobre o uso adequado da internet, em sua maioria ancoram-se na dificuldade de controlar o conteúdo da internet e por consequência o que acessam. Dessa forma, identifica-se que a instrução e conhecimento de como evitar o Cyberbullying e a importância desse ato na saúde mental e física dos adolescentes.

Tema 2: Solução e Responsabilidade dos Adultos	
Justificativa: Essa série de perguntas buscou descobrir as soluções encontradas para cessar e solucionar os casos de Cyberbullying, bem como entender a percepção dos coordenadores e familiares a sua responsabilidade nas situações estudadas.	
Perguntas	Respostas
	Familiar Vítima 1: “O que fizemos foi conversar com o coordenador da escola pra saber quem eram os responsáveis, a escola não ajudou, não teve nenhuma medida mais radical. Mudamos ele de sala e o levamos no psicólogo”.
	Familiar Vítima 2: “Quando descobri, liguei para a mãe da menina, para saber por que ela não conversa com a filha dela sobre maltratar os colegas, hoje elas não se falam”.
Como enfrentar o problema	Familiar Agressor 1: “Eles separaram de

	<p>sala, confiscamos os aparelhos dele, e controlamos as horas passadas na internet, mas adolescente não consegue viver sem internet”</p> <hr/> <p>Familiar Agressor 2: “Descobri e logo conversei com a minha filha, acho que não adianta agressividade, tem que conversar.”</p> <hr/> <p>Coordenador 1: “Tentamos resolver a situação da melhor forma para os alunos, chamamos os pais na escola e decidimos que a melhor solução foi separar de sala, mas não foi caso de expulsão.”</p> <hr/> <p>Coordenador 2: “Não adianta criar tumulto com os pais, eles tem que ensinar os filhos para evitar essa situação, temos o psicólogo da escola e colocamos a disposição dos adolescentes”</p>
<p>Responsabilidade dos adultos</p>	<p>Familiar Vítima 1: “Temos que saber como ajudar os filhos, tem que controlar e monitorar, mas tem também que buscar ajuda profissional”</p> <hr/> <p>Familiar Vítima 2: “Os pais tem que ensinar seus filhos a respeitar as pessoas, a escola tem ajudar mais, instruir.”</p> <hr/> <p>Familiar Agressor 1: “Os adultos tem que por limites, não adianta, adolescente acha que pode tudo então cabe aos mostrarem que não pode. A escola precisa ser mais rígida”</p> <hr/> <p>Familiar Agressor 2: “Os adultos tem que proteger os filhos dessas ameaças, a escola tem que ser um ambiente seguro, os pais não podem interferir muito na escola”</p>

<p>Coordenador 1: “A escola tem várias responsabilidades, tem que dar segurança para os alunos, mas não pode ensinar educação, isso vem de casa.”</p>
<p>Coordenador 2: “Os pais tem que dar atenção aos seus filhos, prestar atenção para saber o que fazem, não podemos controlar todos os jovens que estão na escola”</p>

Em relação às soluções encontradas pelos familiares e coordenadores, observa-se que as atitudes tomadas são, de certa forma, superficiais. Entre as medidas para cessar os episódios estão: conversar com o coordenador da escola, descobrir os responsáveis, mudar os envolvidos de sala, buscar um psicólogo, conversar com os pais dos agressores, confiscar os aparelhos eletrônicos e controlar horas passadas na internet.

As práticas do Cyberbullying, como ameaça, humilhação, denigrir a imagem da vítima, entre outras, tem várias características intrínsecas, como o preconceito e a violência por exemplo. Neste contexto, não basta apenas atacar o problema pelas arestas, confiscar o os aparelhos eletrônicos não irá ensinar ao adolescente como fazer uso corretamente dos mesmos, apenas separar os alunos envolvidos de sala, não irá fazer com que aprendam a conviver em harmonia.

Dessa forma conclui-se que a respeito das soluções, as questões chaves que desencadeiam o Cyberbullying não são palpadas pelos responsáveis por instruir e desenvolver os valores de uma socialização justa e harmoniosa aos adolescentes. Discussões sobre temas como sexualidade, relacionamentos, raça, condição socioeconômica não são desenvolvidas pelas famílias ou pela escola.

É notável, a forma como os coordenadores e familiares não chegam a um consenso dos papéis que por eles devem ser representados. Coordenadores atribuem aos pais à responsabilidade de educar os filhos e evitar que episódios como bullying e Cyberbullying aconteçam.

Os pais exercem posição central na vida dos filhos, são os primeiros modelos de socialização que os adolescentes possuem, dessa forma suas atitudes e ações influenciam de forma direta na instrução dos adolescentes. Os coordenadores por sua vez, devem possuir o treinamento prático e teórico para lidar com a formação de identidade dos jovens e no seu desenvolvimento pessoal e acadêmico, possuem vasto conhecimento em áreas diversas como pedagogia, psicologia infantil, direitos humanos, etc.

Com isso em mente, é possível interpretar a partir dos relatos, a escassa interlocução entre esses atores. Os familiares entendem que a escola é a grande responsável pelo bem-estar dos adolescentes e os coordenadores entendem que são os pais que devem ensinar as boas maneiras aos seus filhos e conseqüentemente criar a harmonia entre os alunos.

3.4 Consequências do Cyberbullying para os Casos Estudados

Como discutido no item 2.3, as consequências do Cyberbullying podem ser diversas e podem ser sentidas tanto física como psicologicamente. Estudos demonstraram que para a vítima do Cyberbullying, é comum, entre outros, os sentimentos de desconfiança, medo, angústia, ansiedade, exclusão, depressão, além de interferir diretamente no rendimento escolar dos alunos.

Nas entrevistas realizadas com os adolescentes envolvidos, familiares e coordenadores, foi possível identificar quais consequências foram sentidas e presenciadas nos casos específicos, comprovando que as práticas do Cyberbullying afetam de forma negativa não só as vítimas, mas seus agressores e familiares.

No Caso 1, a vítima relatou que a exclusão do grupo de amigos foi a pior sensação que a situação proporcionou. Em suas palavras “Todo mundo acreditou nas mentiras e quase todos os meus amigos não queriam falar comigo, foi muito ruim”. Essa situação de exclusão entendeu-se por um período de aproximadamente três meses, segundo relato da vítima, cada vez mais a vítima 1 sentia-se sozinho.

Depois de perceber que seu rendimento acadêmico e humor estavam afetados, os familiares resolveram confrontar o adolescente e descobriram do episódio de Cyberbullying.

A solução encontrada foi o acompanhamento psicológico, conversa com o coordenador da escola e mudança de turma escolar.

Para o agressor principal do Caso 1, as consequências foram sentidas em seu cotidiano e identifica-se um nível de menor impacto em seu psicológico. Os familiares do agressor 1, para apreender o comportamento do adolescente estabeleceram regras de uso da internet e confisco dos aparelhos eletrônicos. Entretanto, no relato do próprio adolescente essa punição foi branda: “Eles tomaram meu celular e eu podia só ir à internet por uma hora depois da escola, mas agora voltou tudo ao normal”.

Já a Vítima 2 presenciou sentimentos de medo e insegurança, em seu relato a adolescente revela que “Não conseguia parar de pensar que as pessoas estavam vendo a foto e lendo os comentários de todo mundo. Toda hora eu queria ver o que estavam colocando lá (Facebook), não tinha pra onde escapar”. Como visto, o Cyberbullying pode exercer esse efeito em suas vítimas, já que acontece em um meio onde a informação é constantemente alimentada e divulgada.

O sentimento de “não poder escapar” refere-se ao fato de não só os dispositivos eletrônicos acompanham os adolescentes, e a maior das pessoas, constantemente e durante o dia todo, mas também se cria a ideia de que a informação colocada nas redes sociais, por exemplo, podem ser acessadas vinte e quatro horas por dia. O efeito psicológico desse fator é extremamente destrutivo, uma vez que não importa onde a vítima esteja ela sempre estará pensando em sua constante difamação e humilhação pelas redes sociais.

Para o agressor no caso 2, as consequências foram, também, confiscar o celular e controlar as horas passadas na internet, além disso, segundo a adolescente a situação custou algumas amizades na escola, segundo seu relato “Não valeu a pena o que aconteceu, algumas amigas eu perdi e também não é legal quando as pessoas pensam que você é malvada ou ruim”.

3.5 Observações durante as entrevistas

Para a realização de entrevistas para a coleta de dados em pesquisas científicas, Bourdieu (1999) aconselha ao entrevistador “descer do pedestal cultural e deixar de lado

momentaneamente seu capital cultura para que ambos, pesquisador e pesquisado possam se entender”. Diante disso, observou-se que durante a entrevista a necessidade de entender as limitações de conceitos e termos dos entrevistados, para que as entrevistas ocorressem de forma relevante para a pesquisa foi preciso explicar alguns conceitos e termos como o próprio Cyberbullying. Além disso, é necessário o policiamento nas expressões utilizadas, para facilitar ao máximo a compreensão a fim de obter nas respostas a maior clareza e pontualidade referente ao tema.

Durante a entrevista, também, o pesquisador deve estar preparado e ter a sensibilidade para enviar sinais de entendimento e de estímulo, como gestos, acenos de cabeça, olhares e também sinais verbais como de agradecimento e incentivo. Esses sinais possibilitam uma maior abertura do pesquisado, proporcionando o bem-estar para que ele possa falar sem constrangimento dos fatos ocorridos.

Devido ao fato desta pesquisa envolver adolescentes e suas vidas pessoais, em um primeiro momento os responsáveis estavam presentes. Tanto no caso 1 como no caso 2 as mães dos entrevistados estavam ao lado dos adolescentes conforme a entrevista transcorria. Esse fato revelou um ambiente de certo desconforto para os jovens, criando certa dificuldade para relatarem suas percepções dos temas abordados. Dessa forma, para a obtenção de informações verdadeiras e profundas sobre os fatos ocorridos, foi necessária uma aproximação diferente.

As entrevistas com os adolescentes envolvidos foram realizadas em ambientes diferentes, em um primeiro contato com os responsáveis e após permissão dos mesmos, foi possível a comunicação via correio eletrônico. Dessa maneira, os jovens puderam ficar mais confortáveis para relatarem suas experiências.

Esse fato revelou como os pais, autoridades, adultos de uma forma geral, inibem os adolescentes para que os mesmos possam compartilhar informações sobre o que sentem, fazem, compreendem. No caso do Cyberbullying isso é ainda mais preocupante, pois expressa a dificuldade dos adolescentes em buscarem ajuda em situações que possam ser negativas e perigosas.

Durante todo o processo da pesquisa, o pesquisador terá que ler nas entrelinhas. Deve ser capaz de reconhecer as estruturas invisíveis que organizam o discurso do entrevistado.

Bourdieu alerta ainda, para que o pesquisador fique alerta, pois o pesquisado pode tentar impor sua definição de situação de forma consciente ou inconsciente.

Com o decorrer das entrevistas foi possível notar que, principalmente, os adultos tentavam minimizar a gravidade das situações ocorridas. Especialmente na etapa onde os adultos e adolescentes estavam juntos e o entrevistador explicava sobre o conceito de Cyberbullying, os adultos, via de regra, sentiam-se desconfortáveis com as explicações. Algumas vezes cortavam o discurso do entrevistador na tentativa de não deixá-lo exemplificar, por exemplo, as consequências de casos graves de Cyberbullying. Isso demonstra que apesar de relatarem tais práticas como “normais da idade” ou “não ter como controlar”, se sentiam extremamente desconfortáveis em ouvir a realização do fenômeno.

3.6 Resultados

Após a análise dos dois casos, bem como da observação dos envolvidos, familiares e coordenadores, foi possível constatar alguns aspectos no contexto das práticas do Cyberbullying. Os resultados apresentados a seguir estão relacionados com os seguintes temas: (1) uso de tecnologia, como celulares, internet e redes sociais, (2) compreensão sobre o bullying e Cyberbullying e (3) as estratégias de enfrentamento perante as situações.

(1) A modernidade trouxe facilidades para a vida cotidiana, o uso dos computadores, telefones celulares, dispositivos eletrônicos como tablets, entre outros, permitem que os indivíduos conectem-se entre si de forma constante e permanente. Entretanto, a cultura de consumo moderna trouxe também, a dependência desses dispositivos, a necessidade imaginária de sempre estar com o celular por perto ou conectado na internet, verificar os perfis nas redes sociais e acessar informações constantemente.

Esse fato foi verificado na pesquisa realizada, revelando que todos os adolescentes envolvidos conectam-se na internet diariamente e por várias horas seguidas. Seja pelos computadores pessoais ou pelos celulares cada vez mais funcionais, com acesso não só à internet ilimitada, mas também às redes sociais. Isso demonstra que o uso da tecnologia de forma frequente e sem controle deixa os jovens vulneráveis e expostos às práticas do Cyberbullying permanentemente, seja como vítima ou agressor.

Os adolescentes entrevistados nessa pesquisa citaram frequentemente o uso da rede social “Facebook”, este website, a um primeiro olhar, parece ser o mais acessado pelos jovens nos dias atuais. Dessa forma, é válido observar que deve existir a responsabilidade social da empresa perante o seu público, formado por milhares de jovens, instruindo e esclarecendo as regras de uso do espaço virtual, as regras de condutas também devem ser reavaliadas pela empresa a fim de evitar que seu domínio virtual seja o palco para as práticas cruéis do Cyberbullying.

A pesquisa revelou ainda, a necessidade de maior esclarecimento por parte dos pais e coordenadores das escolas, que são responsáveis por garantir o bem-estar dos adolescentes, de como lidar com o uso das tecnologias. É perceptível que as regras de conduta no que se refere às tecnologias ainda não foram devidamente exploradas e trabalhadas.

(2) O relato dos entrevistados revelou que há maior conhecimento sobre o bullying do que o Cyberbullying. Todos os entrevistados, tanto adolescentes como adultos, souberam relatar sobre as práticas do bullying. Em sua maioria demonstraram certa conformidade com a presença do fenômeno no ambiente escolar e interpretam as práticas como típico da idade dos adolescentes. Para eles o conflito entre os adolescentes é inevitável e cabe tanto aos familiares quanto a escola monitorar o comportamento dos adolescentes.

Dessa forma, identifica-se a necessidade dos conceitos serem explorados com maior profundidade no ambiente escolar, não apenas para os alunos, mas também para os demais agentes da educação como coordenadores, professores, diretores. Apenas com o profundo entendimento por parte dos que formam a rede escolar dos fenômenos apresentados, é que se fará possível encontrar soluções duradouras e eficazes no combate dessas práticas não saudáveis.

(3) Os adolescentes, familiares e coordenadores apresentam dificuldade ao encarar o problema, há o sentimento de impotência diante das agressões e humilhações sofridas. Para os pais, a conversa seria a maneira mais eficaz de conscientizar e enfrentar o problema. Aponta-se também como mecanismos de defesa perante o Cyberbullying o isolamento e o silêncio.

Considerações Finais

Os desafios de enfrentar um problema de múltiplas camadas, ainda não explorado e entendido em sua complexidade, motivaram a realização dessa pesquisa. Foi possível perceber que, de fato, os fenômenos do bullying e cyberbullying têm múltiplas faces e tocam temas que variam da violência, socialização e valores individuais e perpassam por questões como a do indivíduo e sociedade, solidão, sociedade de consumo e modernidade.

Durante o processo de pesquisa, foram encontradas grandes dificuldades de levantamento de dados, tais como a identificação dos casos e a maneira como coletar os relatos. A natureza das experiências vividas no contexto estudado é traumática e não positiva para os envolvidos, dessa forma houve o cuidado de não invadir o espaço particular, mas também foi preservada a tentativa de entender as práticas documentadas por suas essências reais.

A principal conclusão do trabalho é a de que o *cyberbullying* é um fenômeno cada vez mais presente na realidade dos adolescentes, é possibilitado e maximizado pelas novas tecnologias enraizadas na rotina de uma sociedade de consumo.

A pesquisa revelou, também, que tanto o bullying quanto o cyberbullying são práticas conhecidas pelos adolescentes envolvidos e pelos observadores indiretos. Não necessariamente tais práticas são entendidas pela nomenclatura dada, mas são apontados a intolerância, agressividade, humilhações, desrespeito, desconforto, e tantos outros nomes associados ao bullying e cyberbullying. Percebe-se, ainda, que cada caso identificado merece atenção única, na medida em que apresenta características e dinâmica próprias.

Ao apropriar-se do conceito de bullying e complementá-lo com o de Cyberbullying, esta pesquisa apresentou uma proposta de estudo ainda rara no Brasil, estudar o fenômeno de cyberbullying sob o olhar dos envolvidos diretamente e indiretamente nos casos. Além disso, o estudo trouxe como contribuição a sinalização de questões não pontuadas com frequência, como o uso da tecnologia e os danos que a sua utilização exacerbada pode desencadear para os indivíduos. A forma mais clara sendo o próprio cyberbullying.

Com o avanço da pesquisa, perceberam-se as limitações dos termos adotados. Tanto o cyberbullying e o bullying foram conceitos apropriados de outro idioma e são globalizantes, ou seja, incorporam de forma implícita vários outros, como a humilhação,

intolerância, preconceito, agressividade, entre outros. Dessa forma, uma melhor tradução do termo cyberbullying pode ser o de *assédio moral online*, pois diante dos dados levantados, pode-se afirmar que um dos principais objetivos do cyberbullying é ferir a imagem alheia, de forma constante e prolongada, o que gera situações de humilhação, causando graves consequências psicológicas.

Nos casos estudados o ambiente escolar também é o palco das práticas negativas sofridas, em ambos os casos as ameaças, comentários negativos, mentiras, isolamento, etc., migraram do ambiente virtual para o ambiente físico da escola.

Isso demonstra que a instituição ocupa um papel ativo no combate e controle dessas situações, é exigida uma maior articulação entre os atores diretamente e indiretamente envolvidos. Há também a necessidade de maior instrução por parte dos agentes educacionais, como professores, coordenadores e diretores no que se refere aos fenômenos apresentados. Entender o Cyberbullying e a real ocorrência deste tipo de violência é fundamental para identifica-lo no ambiente escolar.

Vale ressaltar que as medidas punitivas não devem ser o foco da escola no combate de tais práticas, alternativamente deve-se buscar estratégias que visem educar e promover mudança de comportamento, pensamento e atitude diante de tais ações inadequadas. Em parceria com a família, a escola é o ambiente propício para o desenvolvimento da cidadania e o debate sobre violência, agressividade, preconceito e diversidade.

No Cyberbullying, ainda mais que no bullying, os papéis de agressor e vítima não são fixos. Com a dinâmica da internet e dispositivos eletrônicos, é possível manter a identidade preservada, o que favorece ao usuário expressar-se de maneiras que não necessariamente o faria se estivesse face a face com outra pessoa. Dessa forma é fundamental o desenvolvimento de uma cultura de cumplicidade e empatia entre os alunos e professores que permita que os comportamentos inadequados e o sofrimento decorrente destes atos possam ser identificados e combatidos. (Yoneyama & Naito,2003)

Para Colombier, Mangel & Perdriault (1989) a violência na adolescência aponta para a maneira como o meio se relaciona com estes jovens. Neste contexto, são extremamente necessárias à percepção e compreensão da dinâmica entre a escola, família e adolescência. Qual o papel de cada um desses agentes no processo de socialização dos jovens, permitir

que eles se intercalem e contribuam para um objetivo único de promover o bem-estar e a garantia dos direitos de cada pessoa.

Por fim, este trabalho buscou contribuir para a discussão dos estudos sobre Cyberbullying identificando as práticas desse fenômeno e evidenciar casos práticos onde o fenômeno pode ser identificado. Além disso, procurou apresentar a experiência de pessoas que viveram a realidade desse tipo de violência e sob seus olhares compreender melhor o sofrimento e o dano causados nessa prática e assim pautar as principais questões que rodeiam este fenômeno presente no cotidiano dos adolescentes.

BIBLIOGRAFIA

ABRAMOVAY, M., & RUA, M. G. (2003). *Violências nas escolas: Versão resumida.*

Brasília, DF: Unesco.

ADORNO, T. W. (2003). *Educação e emancipação* (W. L. Maar, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra. (Original publicado em 1971)

AMADO, MATOS, PESSOA & JAGER, Cyberbullying: Um desafio à investigação e a formação, *Interacções*, N.13, PP. 301-326 (2009).

ANTUNES, Deborah Christina; ZUIN, Antônio Álvaro Soares. Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. *Psicol. Soc.*, Porto Alegre, v. 20, n.1, Apr. 2008

AŞICI H., ASLAN S., The Analysis of Relationship between School Bullying and Self-Concept Clarity in Adolescents, *International Online Journal of Educational Sciences*, 2010, 467-485.

BINSFIELD, A. R., Lisboa, C. S. M. (2010). Bullying: Um estudo sobre papéis sociais, ansiedade e depressão no contexto escolar do Sul do Brasil. *Interpersona* 4 (1), 74-105.

BURDEN, K., PALMER, C., & BARLOW, L. (2003). Cyber crime-A new breed of criminals. *Computer Law & Security Report*, 19(3), 222 – 227.

CAN, M.Ş. (2007). Substance abuse in primary schools. Unpublished Master's thesis. Sakarya University, Social Sciences Institute. Retrieved from <http://yok.gov.tr>

CHEN, K., CHEN, I., & PAUL, H. (2001). Explaining online behavioural differences: An internet dependency perspective. *Journal of Computer Information Systems*, 41(3), 59 – 66.

FOUCAULT, M.: *Microfísica do Poder.* 1979. Rio de Janeiro, Edições Graal

GOMEZ, FJ. GALA, M. LUPIANI, A. BERNALTE, MT. MIREST, S. LUPIANI y MC.BARRETO, *Cuad Med Forense* 2005; 13(48-49):165-177.

HINDUJA, SAMEER AND PATCHIN, Justin. “Research.” Cyberbullying Research Center, 2010. Web 6 Dec. 2011. < <http://cyberbullying.us/research.php>>.

JULIA RIEBEL, REINHOLD S. JÄGER & UWE C. FISCHER, Cyberbullying in Germany – an exploration of prevalence, overlapping with real life bullying and coping strategies, *Psychology Science Quarterly*, Volume 51, 2009 (3), pp. 298-314

K VARJAS, J TALLEY, J MEYERS, L PARRIS, H CUTTS., High School Students' Perceptions of Motivations for Cyberbullying: An Exploratory Study. *West J EmergMed.* 2010; 11(3): 269-273.

NOGUEIRA, Rosana Maria César Del Picchia de Araújo. A prática de violência entre pares: O bullying nas escolas.oo.93.102,2005.

OLWEUS, D. (1993): Bullying at school. What we know and what we can do. Oxford.Blackwell.

SPOSITO, Marília Pontes: Um breve balanço da pesquisa sobre violência nas escolas no Brasil. Educação e pesquisa, São Paulo, vol. 27, n.1, p.87 – 103, Jan-Jun. 2001.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy: **NADER**, Alexandre Antonio Gilli & **DIAS**, Adelaide Alves. Subsídios para a Elaboração das Diretrizes Gerais da Educação em Direitos Humanos – versão preliminar. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2007.

VIEIRA, Rafael Rodrigues: Bullying:Estudo de Caso em Escola Particular, 2009.UnB.

ANEXO I

Pesquisa sobre Cyberbullying

Roteiro* de Entrevistas

Adolescentes:

1. Você gosta da escola?
2. Você confia nos professores ou na direção da escola?
3. Já participou ou foi vítima de comportamentos desrespeitosos por colegas (bullying)?
4. Quantas horas por dia você utiliza a internet (de todas as formas, computador, ipad, laptops)?
5. O que você mais faz na internet?
6. Alguém controla o que você faz na internet?
7. Você já ouviu falar em bullying? O que você acha que é?
8. O que você compreende sobre o cyberbullying?
9. Já foi vítima ou autor de humilhações, boatos, mentiras, etc. pela internet (Cyberbullying)?

Familiares e Coordenadores:

1. Você conhece o termo Bullying?
2. O que você acha das práticas do Cyberbullying?
3. Qual seria a melhor forma de abordar o Cyberbullying?
4. Qual a responsabilidade dos adultos na situação?

*Roteiro adaptado de Dan Olweus 1996-2006